



Gênero como tema de pesquisa em Jornalismo: uma comparação do perfil de quem publica em revistas de Comunicação

Gabriela Almeida Silva¹
Rayssa de Sousa da Silva²
Nayara Nascimento de Sousa³
Camilla Quesada Tavares⁴

Universidade Federal do Maranhão

Resumo: O trabalho trata do levantamento do perfil de autoras e autores de artigos que abordam gênero na área do Jornalismo, publicados em revistas da área da Comunicação e Informação classificadas pela Capes com os *qualis* A1, A2, B1 e B2. O objetivo é comparar o perfil de quem publica nesses periódicos, para identificar semelhanças e diferenças, e, ainda, um possível padrão. Após a verificação em todas as edições indexadas de 15 periódicos, chegamos ao *corpus* de 195 artigos que correspondem ao tema em questão, sendo 45 das revistas A1 e A2 e 150 das B1 e B2. O método utilizado no tratamento dos dados foi a Análise de Conteúdo quantitativa. Concluímos que pode existir um padrão no perfil de quem publica sobre jornalismo e gênero,

¹Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social–Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Política e Sociedade (COPS), e-mail: gabrielaalmeida.gc@gmail.com

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social–Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Política e Sociedade (COPS), e-mail: raiissahutor@gmail.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social–Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Política e Sociedade (COPS), e-mail: nayara.nns@hotmail.com

⁴Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social-Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Política e Sociedade (COPS), e-mail: camil-la.tavares8@gmail.com

sendo a maioria mulheres, com doutorado/pós-doutorado, escrevendo sozinhas/sem coautoria, que são filiadas a instituições das regiões sul-sudeste e pouco realizam parceria institucional.

Palavras-chave: Jornalismo; Comunicação; Revistas; Gênero; Perfil.

1. Introdução

A necessidade de estudo sobre gênero no Brasil parte do entendimento de que “a condição feminina só recentemente passou a fazer parte das preocupações acadêmicas, e os estudos comunicacionais que abordam essa temática ainda não são volumosos” (SCOFIELD, 2018, p.1). Nesse sentido, conforme Coruja (2018), o feminismo e as discussões quanto à reivindicação de direitos e igualdade tem voltado como pauta nas discussões públicas, na televisão e nas revistas, o que gera impactos sociais e dentro da área acadêmica.

Durante toda a história ocidental houve mulheres que buscaram por seus direitos e liberdade individual. O feminismo se consolidou efetivamente no século XIX, durante a luta de direito das mulheres na Inglaterra que permitiu assim o direito ao voto (PINTO, 2010). A mulher, desde então, vem conquistando espaço social. Na academia, a mulher também tem conquistado esse mesmo espaço, o que permite os estudos dentro da área da comunicação (SCOFIELD, 2018).

Neste sentido, buscando olhar o espaço dado a mulher na academia, este trabalho faz parte de um grande estudo sobre a área da Comunicação e Gênero⁵, desenvolvido na Universidade Federal do Maranhão. Nossa pesquisa se interessa em entender os espaços conquistados pelas pesquisas de gênero nas revistas de *qualis* A1/A2/B1/B2 da área da Comunicação e Informação, avaliadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). De modo particular, neste *paper* buscamos investigar qual é o perfil de pesquisa dentro da área do Jornalismo, visto que se entende a importância da divulgação de conhecimento através das revistas e seu papel de difusão acadêmica (STUMPF, 1996). O método de pesquisa utilizado foi o quantitativo de Análise de Conteúdo, a partir do qual será feito o comparativo das revistas de *qualis* A1/A2

⁵ Este artigo é resultante da pesquisa “Mulheres na mídia e na política: o discurso construído por elas e sobre elas”, desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa Comunicação, Política e Sociedade (COPS) e coordenado pela Prof. Dra. Camilla Quesada Tavares.

com os dados coletados das de *qualis* B1/B2. Com base nos resultados encontrados em trabalhos anteriores⁶, em que, consideramos apenas as revistas de *qualis* do estrato A, apurou-se que grande parte dos autores escreviam sozinhos(as), tinham títulos de doutores(a), eram mulheres e estavam concentrado na parte sul e sudeste do país. (SILVA et al, 2018). Dado este resultado nossa hipótese é que, apesar das revistas de estrato B terem uma qualificação menor comparado ao estrato olhado anteriormente, elas também mantem esse perfil de autoria, embora com algumas diferenças. Como já levantando na primeira parte desta pesquisa, espera-se que haja mais autores de outros níveis de titulações, visto que as revistas deste estrato (B) fazem mais abertura a graduados/mestres.

Para melhor entendimento da pesquisa e dos dados, o artigo está dividido da seguinte forma: revisão bibliografia acerca dos estudos de gêneros e pesquisa relativas ao mapeamento. A metodologia aplicada no trabalho, os resultados obtidos e considerações destes dados.

2. Os estudos sobre gênero

De acordo com Scofield (2018), a mulher como tema de pesquisa ainda é recente, por isso os estudos sobre o tema são essenciais para área acadêmica. A autora faz um estudo teórico de como o gênero foi trabalhado e nasceu dentro da Comunicação. A princípio, Scofield (2018) observa a dificuldade que as autoras feministas tiveram de redigir pesquisas sobre mulher nas décadas de 1960 e 1970 dentro da *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), por conta das dificuldades de acharem estudos dos quais pudessem comprovar e orientar o trabalho, mas principalmente pelo embate que encontravam dentro do centro de pesquisa. No entanto, isso não foi empecilho para que as mesmas dessem início às investigações interdisciplinares que casavam os estudos culturais com os estudos de comunicação, e foi assim que o primeiro livro feminista dentro dos Estudos Culturais ingleses nasceu, o *Women take issue*⁷, que reunia as análises realizadas pelo Grupo de Estudos da Mulher e o Fórum Estudos da Mulher, permi-

⁶ “Gênero como tema de pesquisa: uma análise dos artigos em revistas da comunicação”. Trabalho submetido para apresentação no GT Comunicação e Sociedade, do XII Simpósio de Comunicação da Região Tocantina (XII SIMCOM), entre os dias 5 e 7 de dezembro de 2018, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em Imperatriz-MA.

⁷ Women's Studies Group (1978).

tindo que ganhassem a validação científica entre os membros do CCCS. As pesquisas observaram dentro dos estudos de representação e recepção como as mulheres eram retratadas dentro da mídia, abrindo portas para futuras pesquisas sobre a mulher dentro da Comunicação. Assim, os estudos contemplavam o olhar sobre o sujeito mulher de forma nunca antes observada e aprofundada, proporcionando explicar as desigualdades de gênero que eram formadas por discursos machistas. Para além dos estudos dentro da comunicação, as autoras olharam também diversas áreas dos estudos onde foi possível iniciar os estudos de gênero. Com o livro e os estudos feitos, as “militantes feministas envolvidas com o mundo acadêmico levaram para o interior das universidades questões que as mobilizavam, criando os estudos da mulher” (SCOFIELD, 2018, p. 2).

O feminismo foi um grande contribuidor para o estabelecimento de gênero como categoria de pesquisa. Sendo assim, o trabalho de Martinez, Lago e Lago (2016) traz uma abordagem do surgimento da temática gênero nas pesquisas em Comunicação.

Com a adoção da categoria gênero, que enfatiza a construção relacional de masculinidades e feminilidades, o campo se consolida como interdisciplinar, desenvolvendo-se transversalmente e de forma heterogênea em várias áreas do conhecimento, como Antropologia, Sociologia, História, Educação, Psicologia, Literatura e Crítica Literária, além das Ciências da Saúde (MARTINEZ; LAGO e LAGO, 2016, p. 8).

Ainda segundo a pesquisa, os estudos de gênero passaram a ter mais visibilidade desde os anos de 1980. Assim, começaram a se tornar foco em debates de grupos de pesquisas como também ser temáticas de revistas específicas. Nesse caso, a Revista Estudos Feministas e a Cadernos Pagu, que são referências nos estudos de gênero no Brasil. O que possibilita dizer que estudos de gênero são importantes no contexto atual, na luta pelo fim das desigualdades de gênero e pela aceitação de outros padrões de sexualidade não fundadas em padrões heteronormativos (MARTINEZ; LAGO e LAGO, 2016, p. 8).

A importância aos estudos de gênero dá origem a outras formas de olhar o mundo, ou seja, evidencia que não existe apenas uma forma de identidade feminina que delimite o modelo de mulher padrão da mesma forma o homem. Como afirma Martinez, Lago e Lago (2016, p.8) “A utilização da categoria gênero abriu possibilidades conceituais para os estudos de masculinidades, bem como ampliou os espaços acadêmicos dos

estudos de sexualidades, objeto comum das militâncias acadêmicas e de movimentos feministas, gays e lésbicos”. Mesmo assim, como apontado no estudo de Diniz e Foltran (2004), existe pouca quantidade de homens que publicaram na revista REF, sendo que as poucas publicações abordavam temas com pontos de vistas masculinos ou sobre temas de relevância masculina.

3. Mapeamento da Área – Comunicação, Gênero e Feminismo

Acerca das produções sobre gênero alguns estudos, assim como o nosso, se preocupam em entender como tem se pesquisado sobre o assunto dentro da Comunicação, por isso realiza-se o mapeamento da área. Coruja (2018) busca em seu trabalho observar as contribuições de quem pesquisa sobre gênero nas produções de teses e dissertações no período de 2010 e 2015. A autora, entendendo a importância dos trabalhos produzidos na área, principalmente porque permitem questionar o machismo, patriarcado e mudar olhar para as minorias. (CORUJA, 2018). Ao todo chegou-se a 21 trabalhos coletados, sendo eles 7 teses e 14 dissertações. Com a análise dos dados, chegou-se aos seguintes resultados: o interesse pela temática cresceu em 2015, com as pesquisas se concentrando na região sudeste, tendo 15 trabalhos. Observou-se, assim, uma disparidade entre as regiões, sendo que Norte e Centro-Oeste não contam com trabalhos sobre o tema produzidos no período. Constatou-se também que grande parte dos autores são mulheres. Por outro lado, Coruja (2018), descobriu que nem todos os trabalhos problematizam realmente acerca do feminismo e passam superficialmente sobre o tema. Alguns tratam sem comprometimento com as correntes teóricas do feminismo, por fim alguns contribuem para área enquanto outros permitem apenas a perduração das generalizações sobre o tema.

Dentro dos estudos que abarcam o tema mulher e jornalismo, Almeida (2018) produziu um mapeamento dos programas de pós-graduação em comunicação e jornalismo, do Brasil, nos anos de 1972 e 2015, que trabalhavam com o jornalismo e estudos feministas nas metodologias e teorias que fundamentavam dissertações e teses. Em seu estudo, a autora observou a dificuldade e a resistência de um jornalismo feminista, que teve início no século XIX e que permitiu os estudos dentro da área. Almeida (2018) verificou que as pesquisas que abordam a mulher e as questões de gênero no Jornalismo

representam 30% das pesquisas dentro da Comunicação, contando com 189 dissertações e 34 teses produzidas no período de 43 anos (entre 1972 e 2015). Constatou que as mesmas pesquisas se concentram na região Sudeste e que o Norte é a região com menor produção, contando apenas com única dissertação. Como afirmado pela autora, é preciso compreender que o resultado é devido “a concentração de Pós-Graduações no Sudeste, tendo sido na região que surgiram os primeiros programas da área. Assim, é também do Sudeste a maioria dos programas com maior número de pesquisas sobre o tema” (ALMEIDA, 2018, p. 91-92).

Almeida (2018) também elucidou que as mulheres que abordam mulher ou questão de gênero nas pesquisas são majoritárias. Do total de 223 pesquisas, com 184 dissertações e 34 teses, 112 dos estudos são orientados por mulheres. Percebeu também que o estudo vem ganhando espaço desde 2000. Almeida (2018) averiguou que os métodos e técnicas usados são a análise do discurso, entrevista semiestruturada, história oral, história de vida/profissional, observação participante, etnografia, estudo de caso e estudo de caso múltiplo. Os dados encontrados pela autora conversam com a pesquisa de Coruja (2018), e também com a primeira parte da nossa pesquisa.

4. Procedimentos metodológicos e apresentação dos resultados

Para atender o objetivo do trabalho, que é comparar o perfil das autoras e autores de artigos da área temática do jornalismo, analisamos todas as edições das revistas da área da Comunicação e Informação que tivessem relação com nossa proposta de pesquisa⁸, totalizando 70 periódicos. Ao todo foram catalogados 640 trabalhos que relacionavam comunicação e gênero. Para este *paper*, fizemos um segundo recorte, considerando apenas os trabalhos da área temática do jornalismo. Chegamos, então, a 195 artigos, que compõem o *corpus* desta pesquisa, divididos entre os seguintes periódicos: de *qualis* A1 e A2 – Estudos Feministas (EF), Famecos, Cadernos Pagu; do estrato B1 e B2 – Brazilian Journalism Research (BJR), Observatório (OBS*), Alterjor, Ártemis, Fronteiras, Eco-Pós, Contemporânea, Comunicação e Informação, Comunicação & Sociedade, Alceu, Estudos em Jornalismo e Mídia (EJM), História da Mídia.

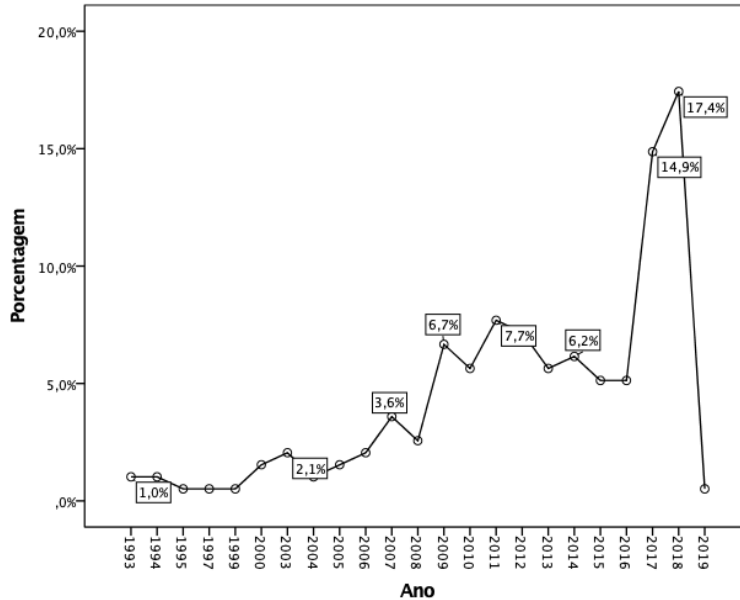
⁸ Foram excluídas as revistas internacionais.

Os procedimentos da pesquisa se constituem, inicialmente, no levantamento dos artigos que abordam comunicação e gênero, a partir da verificação minuciosa em todos os trabalhos de todas as edições indexadas dos 70 periódicos, a partir da busca por termos específicos no título, resumo, palavras-chaves dos trabalhos, sendo eles: jornalismo e/ou comunicação, e/ou mídia, conversando com gênero e/ou mulher e/ou feminismo, e/ou feminino(a). Apesar da plataforma das revistas possuir a ferramenta de busca por palavras-chaves, optamos por verificar individualmente todos os artigos para não deixarmos trabalhos que porventura não fossem considerados nesse tipo de procura online, o que poderia comprometer o levantamento.

Após a catalogação de todos os artigos, selecionamos os que tratavam sobre jornalismo e chegamos ao *corpus* de 195 artigos da área, sendo 45 nos periódicos de qualificação A1 e A2, e 150 nas revistas de *qualis* B1 e B2. Posteriormente, utilizamos como método de pesquisa a Análise de Conteúdo quantitativa, com a coleta de dados a partir de um livro de códigos elaborado pelo grupo de pesquisa Comunicação, Política e Sociedade (COPS), considerando 6 variáveis: quantidade de autoras/es por artigo, titulação, grau de escolaridade e sexo das autoras/es, filiação e parceria institucional. Apresentada a metodologia da pesquisa, passemos à análise dos dados.

O primeiro gráfico, a seguir, indica a quantidade – em percentual – dos artigos da área do jornalismo publicados ao longo dos anos, de 1993 até 2019, nas 15 revistas catalogadas:

Gráfico 1: Quantidade de artigos publicados de 1993 a 2019 com estratos As e Bs



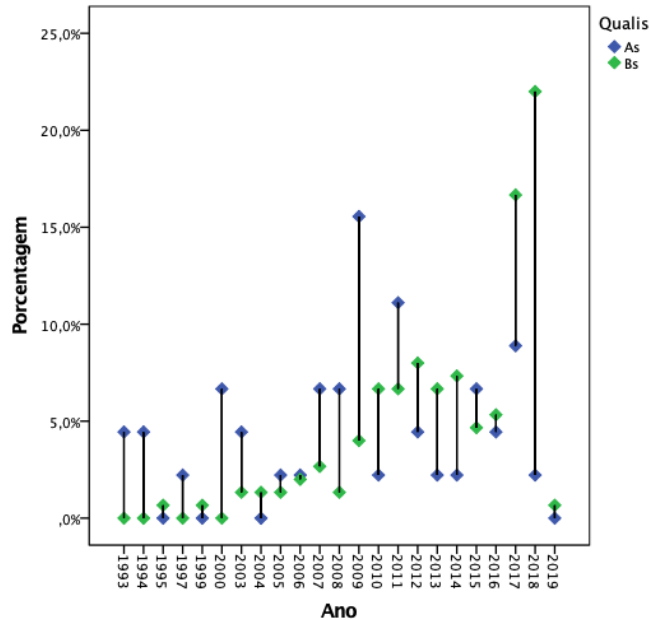
Fonte: autoras (2019).

Os dados mostram que, entre os periódicos analisados, os primeiros trabalhos de jornalismo sobre gênero datam 1993 (1,0%), e tivemos uma queda de publicações até o início dos anos 2000, quando registramos um aumento de artigos dessa temática em 2003 (2,1%). Uma possível explicação é a existência de poucas revistas nos anos 1990 e a baixa indexação de edições antigas – a exemplo, os periódicos mais antigos são aqueles do estrato A1 e A2: Estudos Feministas disponibiliza a primeira edição online em 1992, Cadernos Pagu em 1993 e Famecos em 1994.

Assim, na década de 2000 observamos o crescimento das publicações, com 3,6% de artigos em 2007 e quase o dobro em 2009, 6,7%. Alguns fatores são fundamentais nesse período, como o maior interesse pelas pesquisas sobre gênero (CORUJA, 2018; ALMEIDA, 2018), o aumento dos programas de pós-graduação para a área, e também mais revistas foram criadas e/ou conseguiram reconhecimento de *qualis* B1 e B2 pela Capes.

No Gráfico 2, podemos verificar separadamente pelos *qualis* As e Bs a quantidade de trabalhos da área do Jornalismo, que envolvam gênero, publicados nas revistas:

Gráfico 2: Quantidade de artigos publicados de 1993 a 2019 de acordo com os estratos

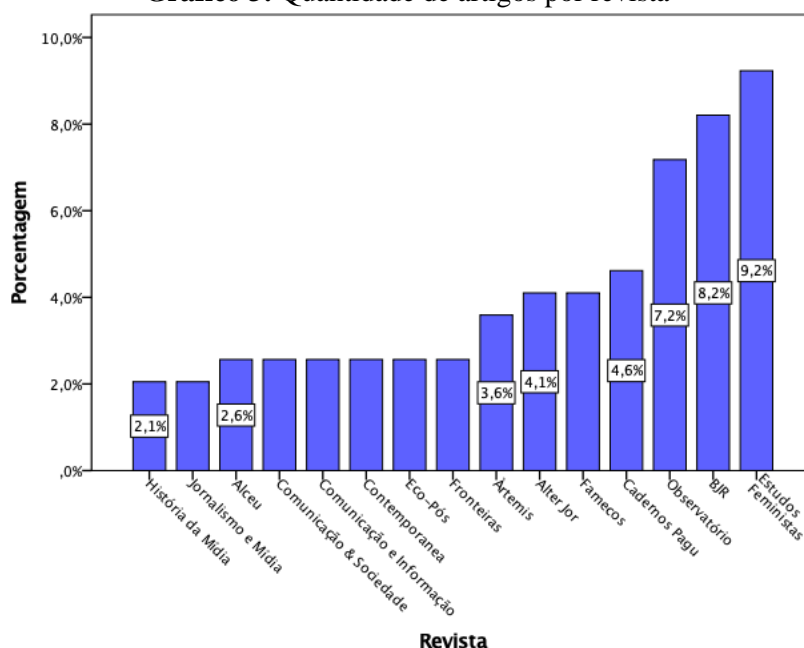


Fonte: autoras (2019).

Os dados mostram que, ao longo de 26 anos (1993-2019), a quantidade de publicação dos artigos sobre gênero e jornalismo foi maior entre os periódicos de estrato A1/A2, em relação à qualificação B1/B2, de forma que: de 1993 até a primeira década de 2000, as revistas As publicaram muito mais trabalhos da área do jornalismo com abordagem do tema gênero, e possivelmente, assim como mencionado na análise do gráfico anterior, sendo mais antigos, esses periódicos possuem mais edições e há, ainda, o fator do *qualis* A1 e A2 poder gerar maior interesse das autoras/autores para publicar. Nota-se que as revistas Bs apresentaram crescimento de publicações a partir de 2010-2012, com um salto no número de artigos, registrando a maior quantidade em 2017 e 2018. Coruja (2018) aponta que o interesse pela pesquisa em gênero cresceu a partir de 2015.

O Gráfico 3 indica a quantidade – em percentual – de artigos da área do Jornalismo que abordem gênero publicados nas revistas de comunicação, catalogadas de ambos estratos – A1/A2 e B1/B2:

Gráfico 3: Quantidade de artigos por revista



Fonte: autoras (2019).

Entre as 15 revistas de *qualis* A1/A2 e B1/B2, a Estudos Feministas (A2) apresentou o maior número de artigos publicados sobre gênero na área do Jornalismo, com 9,2%. Importante ressaltar que o periódico não é especificamente da Comunicação, mas é interdisciplinar e tem a proposta de divulgar estudos de gênero, conforme o escopo informa: “a Revista Estudos Feministas (REF) tem como foco as questões de gênero e feminismo, que podem ser tanto relativos a uma determinada disciplina quanto interdisciplinares em sua metodologia, teorização e bibliografia”⁹.

Em seguida, temos: Brazilian Journalism Research (B1), com 8,2%, que, provavelmente por ser uma revista voltada para o Jornalismo, conta com muitos trabalhos sobre gênero; Observatório (B1), com 7,2%, que é um periódico com foco na Comunicação e, em relação aos demais catalogados, também publica muitos artigos do jornalismo com o tema gênero. Interessante observar que Cadernos Pagu (A2) é uma revista interdisciplinar com o escopo voltado para gênero, e que publica na plataforma online desde 1993, muito semelhante à Estudos Feministas. Entretanto, diferente da EF, entre os periódicos analisados, apresentou 4,6% de trabalhos do jornalismo, o que correspon-

⁹ Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/about/editorialPolicies#focusAndScope>. Acesso em: 7 jul 2019.

de à metade dos artigos da Estudos Feministas (9,2%). Esse dado provoca os questionamentos: As autoras e autores não enviam tantos artigos para a Cadernos Pagu? Ou, apesar de ser interdisciplinar, existiria uma preferência pelo aceite de trabalhos de outras áreas?

Entre os periódicos que menos verificou-se artigos da área do jornalismo que abordam gênero, temos: História da Mídia (B2) e Estudos em Jornalismo e Mídia (B1), ambos com 2,1%. Na revista História da Mídia, o escopo abrange a Comunicação e História, e numa reflexão sobre o baixo número de artigos publicados do jornalismo relacionado ao gênero, citamos como exemplo a necessidade de pesquisas voltadas para o percurso histórico das mulheres na mídia. Já em Estudos em Jornalismo e Mídia, ressaltamos que o periódico tem como foco o Jornalismo, e mesmo assim observamos poucos trabalhos sobre gênero, se compararmos aos demais.

Apresentada à análise dos dados relativos aos artigos de jornalismo e gênero levantados nas revistas de Comunicação e Jornalismo, identificaremos, por conseguinte o perfil das autoras e autores dos 195 trabalhos. A tabela 1 indica a quantidade de autoras/es por artigo, considerando até 4 coautorias:

Tabela 1: Quantidade de autoras e autores por trabalho

Nº de autoras/es	Qualis A1 e A2		Qualis B1 e B2		Total	
	N	%	N	%	N	%
1	28	62,2%	70	46,7%	98	50,3%
2	15	33,3%	64	42,7%	79	40,5%
3	1	2,2%	14	9,3%	15	7,7%
4	1	2,2%	2	1,3%	3	1,5%
Total	45	100,0%	150	100,0%	195	100,0%

Fonte: autoras (2019).

Agrupando-se os trabalhos dos periódicos de *qualis* As e Bs, entre 195 artigos, 98 são de autoria única, o que corresponde à 50,3%, confirmando parte da nossa Hipótese 1. Assim, os artigos possuem somente uma autora/autor majoritariamente em ambos *qualis*: 62,2% em As e 46,7% em Bs. Em estudo anterior realizado com dez revistas do estrato A1/A2 da área da Comunicação, 62,2% dos artigos publicados sobre comunicação e gênero também foram produzidos de forma “solitária” (SILVA et al, 2018), indicando uma possível tendência.

Apesar disso, nos artigos das revistas Bs, a autoria com até duas/dois pesquisadoras/pesquisadores também é expressiva, com 42,7% – diferente dos trabalhos dos

periódicos de *qualis* As, com 33,3%. O dado mais divergente entre os estratos é em relação aos artigos com até 3 autoras/es, verificados em 14 (9,3%) dos trabalhos Bs, e apenas 1 (2,2%) artigo As.

A partir dos dados acima, que indicam a autoria “solitária” na maioria dos trabalhos tanto de *qualis* As quanto Bs (98 artigos), na tabela 2 consideramos somente os artigos que possuem 2 ou mais autoras/es, totalizando 97, para verificarmos se existe parceria institucional entre eles:

Tabela 2: Parceria institucional entre as autoras e autores

Parceria	Qualis A1 e A2		Qualis B1 e B2		Total	
	N	%	N	%	N	%
Sim	7	41,2%	21	26,3%	28	28,9%
Não	10	58,8%	59	73,8%	69	71,1%
Total	17	100,0%	80	100,0%	97	100,0%

Fonte: autoras (2019).

Entre 97 artigos de Jornalismo que abordam gênero nas revistas de estrato As e Bs escritos por 2 autoras/es ou mais, 69 deles não possuem parceria entre instituições – representa 71,1% – confirmando parte da Hipótese 1. Olhando os estratos de forma individual, 58,8% das autoras/es de trabalhos As não realizam parceria institucional, sendo 73,8% as autoras/es de artigos Bs. É interessante observar que, mesmo que em ambas qualificações a não interinstitucionalidade se sobressaia, nos artigos dos periódicos As verificamos uma maior abertura para a parceria, com 41,2%, enquanto nos trabalhos Bs, embora apresentem maior coautoria entre 2 ou 3 autoras/es, estão mais fechados em seus próprios núcleos, com apenas 26,3% de parceria institucional. Conforme Silva et al (2018), há pouca interação entre as universidades, em se tratando da pesquisa de comunicação e gênero, o que pode ser negativo pela possível falta de colaboração e troca de ideias entre pesquisadoras/es no debate sobre o tema.

Nas próximas tabelas, consideramos para a análise dos dados as/os três primeiras/os autoras/es dos 195 trabalhos catalogados. A seguir (tabela 3), indicamos a titulação das autoras e autores dos artigos de *qualis* As, para verificarmos se pertencem ao Jornalismo ou outras áreas:

Tabela 3: Titulação das autoras e autores dos trabalhos

Titulação	Qualis A1 e A2						Total	
	Autor 1		Autor 2		Autor 3			
	N	%	N	%	N	%	N	%
Jornalismo	2	4,4%	1	5,9%	0	0,0%	3	4,6%
C. Política	1	2,2%	2	11,7%	0	0,0%	3	4,6%
C. Sociais	7	15,6%	2	11,7%	0	0,0%	9	14,1%
Sociologia	1	2,2%	0	0,0%	0	0,0%	1	1,6%
Comunic.	10	22,2%	5	29,5%	0	0,0%	15	23,5%
Outras	24	53,3%	7	41,2%	2	100,0%	33	51,6%
Total	45	100,0%	17	100,0%	2	100,0%	64	100,0%

Fonte: autoras (2019).

A tabela 3 aponta que a maior parte das autoras/es dos trabalhos de Jornalismo do estrato As que abordam gênero são de outras áreas (51,6%): 53,3% autora/autor 1, 41,2% autora/autor 2 e 100,0% autora/autor 3. Esse dado é interessante por mostrar que as pesquisadoras e pesquisadores que escreveram sobre jornalismo, considerando as revistas catalogadas, são de áreas como Letras; Saúde Coletiva; Antropologia Social; Educação, Gestão e Difusão em Biociências. Somente 4,6% são do Jornalismo (4,4% autora/autor 1 e 5,9% autora/autor 2). Além disso, 23,5% das autoras e autores são da Comunicação (22,2% autora/autor 1 e 29,5% autora/autor 2), o que já mostra uma maior aproximação com a área do Jornalismo e a titulação.

Os próximos dados se referem à área de titulação das autoras e autores que publicaram trabalhos de Jornalismo e gênero nas revistas de *qualis* B1 e B2:

Tabela 4: Titulação das autoras e autores dos artigos

Titulação	Qualis B1 e B2						Total	
	Autor 1		Autor 2		Autor 3			
	N	%	N	%	N	%	N	%
Jornalismo	9	6,0%	5	6,1%	2	12,5%	16	6,6%
C. Política	4	2,7%	1	1,3%	1	6,2%	6	2,4%
C. Sociais	6	4,0%	1	1,3%	0	0,0%	7	2,8%
Sociologia	5	3,3%	1	1,3%	0	0,0%	6	2,4%
Comunic.	84	56,0%	46	57,5%	8	50,0%	138	56,1%
Outras	40	26,7%	26	32,5%	5	31,3%	71	28,9%
Não identif.	2	1,3%	0	0,0%	0	0,0%	2	0,8%
Total	150	100,0%	80	100,0%	16	100,0%	246	100,0%

Fonte: autoras (2019).

Diferente do que se observou nos periódicos As, a titulação da maior parte das autoras e autores dos artigos publicados nas revistas Bs são da área da Comunicação

(56,1%) – 56,0% autora/autor 1, 57,5% autora/autor 2 e 50,0% autora/autor. Isso indica que os estudos de jornalismo e gênero dessas revistas são, em sua maioria, escritos por quem é da própria área. Apesar disso, as autoras e autores de outras titulações também representam boa parte, com 28,9% – 26,7% autora/autor 1, 32,5% autora/autor 2 e 31,3% autora/autor 3.

Semelhante aos dados das autoras e autores dos artigos das revistas As, quando olhamos para o estrato Bs, poucos são do próprio Jornalismo (6,6%), o que pode indicar um déficit de pesquisas publicadas sobre gênero entre quem possui titulação em Jornalismo. Esse baixo número pode ter relação com os poucos programas de Pós-graduação de Jornalismo, e/ou a própria produção voltada para gênero. Conforme Almeida (2018) explica, os programas de pós-graduação de comunicação e jornalismo brasileiro que trabalham com o jornalismo e estudos feministas nas metodologias e teorias apresentam a dificuldade e a resistência de um jornalismo feminista. A categoria “não identificada” se dá pelo fato de em 2 trabalhos (0,8%) não constar a titulação das autoras e/ou autores.

Na tabela 5, apresentamos o grau de escolaridade das autoras e autores dos artigos presentes nas revistas do estrato As, da seguinte forma: Graduação – Graduando/Graduado, Especialização – Especialista/Especializando, Mestrado – Mestrando/Mestre, Doutorando, Doutor/Pós-doutor.

Tabela 5: Escolaridade das autoras e autores dos artigos

Escolaridade	Qualis A1 e A2						Total	
	Autor 1		Autor 2		Autor 3			
	N	%	N	%	N	%	N	%
Graduação	1	2,2%	4	23,6%	0	0,0%	5	7,8%
Especialização	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Mestrado	5	11,1%	1	5,9%	0	0,0%	6	9,4%
Doutorando	2	4,4%	0	0,0%	0	0,0%	2	3,1%
Doutorado/Pós	37	82,2%	12	70,5%	2	100,0%	51	79,7%
Total	45	100,0%	17	100,0%	2	100,0%	64	100,0%

Fonte: autoras (2019).

Conforme indicam os dados, a maioria das autoras/es são doutoras/es e/ou pós-doutoras/es, com 79,7% – 82,2% autora/autor 1, 70,5% autora/autor 2 e 100,0% autora/autor 3. Esse resultado era esperado, tendo em vista que se tratam de periódicos de *qualis* A1 e A2, em que algumas exigem que a autoria seja obrigatoriamente por aqueles que possuem esse grau de escolaridade. A exemplo, a Famecos (A2) diz, nas diretrizes

de submissão dos trabalhos, que autoras e autores devem ter titulação mínima do doutor, e doutorandos só podem ser coautores¹⁰.

Interessante citar que, mesmo com o nível elevado da escolaridade, identificamos que uma autora/autor, indicada/indicado como primeira/primeiro na autoria possui grau de Graduação (Graduando ou Graduado), representando 2,2%, o que surpreende. Ao mais, verificamos que 4 autoras/autores nomeados nos trabalhos como 2º também são da Graduação (Graduando ou Graduado) (23,6%). Além disso, não foram registrados autores/as da Especialização em nenhuma ordem de autoria (1, 2 ou 3) (0,0%).

A próxima tabela indica o grau de escolaridade das autoras e autores que publicaram artigos da área do Jornalismo sobre gênero nas revistas de *qualis* B1 e B2:

Tabela 6: Escolaridade das autoras e autores dos trabalhos

Escolaridade	Qualis B1 e B2							
	Autor 1		Autor 2		Autor 3		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Graduação	6	4,0%	9	11,2%	5	31,2%	20	8,1%
Especialização	1	0,7%	3	3,8%	0	0,0%	4	1,6%
Mestrado	17	11,3%	16	20,0%	5	31,2%	38	15,5%
Doutorando	19	12,7%	6	7,5%	2	12,6%	27	10,9%
Doutorado/Pós	107	71,3%	46	57,5%	4	25,0%	157	63,9%
Total	150	100,0%	80	100,0%	16	100,0%	246	100,0%

Fonte: autoras (2019).

Assemelhando-se aos dados dos periódicos As, a maioria das autoras e autores identificados como 1 e 2 nos artigos das revistas Bs possuem Doutorado e/ou Pós-doutorado (71,3% autora/autor 1 e 57,5% autoras/autor 2), porém, entre aquelas/aqueles nomeados como autora/autor 3, a maior parte é de mestres/mestrando (31,2%) e graduados/graduandos (31,2%). Observamos que o número de doutorandos e mestres/mestrando com autoria 1 também aumenta nesse estrato (12,7% e 11,3% respectivamente), e identificamos uma autora/autor com Especialização (0,7%).

Nesse sentido, o grau de escolaridade é mais diversificado entre as revistas de *qualis* B1 e B2, por fatores como o maior aceite de trabalhos que não exigem o Doutorado como nível mínimo para publicar, diferente do que pode acontecer em alguns periódicos do estrato A1 e A2, e a maior flexibilidade da avaliação dos artigos.

¹⁰ Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/about/submissions#onlineSubmissions>. Acesso em: 7 jul 2019.

Reunindo os resultados da escolaridade entre as revistas de qualificação As e Bs, percebemos que majoritariamente são publicações de autoras e autores doutores e/ou pós-doutores (79,7% com *qualis* A1 e A2 e 63,9% com *qualis* B1 e B2), confirmando parte da Hipótese 1. Conforme Silva et al (2018), ao analisarem o perfil de quem escreve artigos que abordem comunicação e gênero, publicados nas revistas de comunicação de estrato As, tiveram como resultado que a maioria das autoras e autores são doutores e pós-doutores, e o grau de formação que mais as/os distanciam é a Graduação.

Nas tabelas 7 e 8, indicamos o sexo das autoras/es para verificar se há mais homens ou mulheres publicando sobre jornalismo e gênero nas revistas catalogadas. A seguir, temos os dados referentes às autorias dos trabalhos nos periódicos de estrato As:

Tabela 7: Sexo das autoras e autores dos artigos
Qualis A1 e A2

Sexo	Autor 1		Autor 2		Autor 3		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Mulher	32	71,1%	13	76,4%	1	50,0%	46	71,8%
Homem	13	28,9%	4	23,6%	1	50,0%	18	28,2%
Total	45	100,0%	17	100,0%	2	100,0%	64	100,0%

Fonte: autoras (2019).

A autoria dos trabalhos que abordem gênero na área do Jornalismo, publicados nas revistas de *qualis* As são majoritariamente produzidos por mulheres, representando 71,8% – 71,1% autora 1, 76,4% autora 2 e 50,0% autora 3. Os homens constituem em apenas 28,2% quando considerados até 3 autores.

A tabela 8 indica o sexo das autoras e autores dos artigos levantados nas revistas de *qualis* B1 e B2:

Tabela 8: Sexo das autoras e autores dos artigos
Qualis B1 e B2

Sexo	Autor 1		Autor 2		Autor 3		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Mulher	120	80,0%	60	75,0%	13	81,2%	193	78,5%
Homem	30	20,0%	20	25,0%	3	18,8%	53	21,5%
Total	150	100,0%	80	100,0%	16	100,0%	246	100,0%

Fonte: autoras (2019).

Assim como verificamos com os dados anteriores (tabela 7), as mulheres são maioria entre quem escreve trabalhos sobre jornalismo e gênero, publicados nos periódicos tanto de qualificação As quanto Bs, entre aqueles que foram catalogados, o que

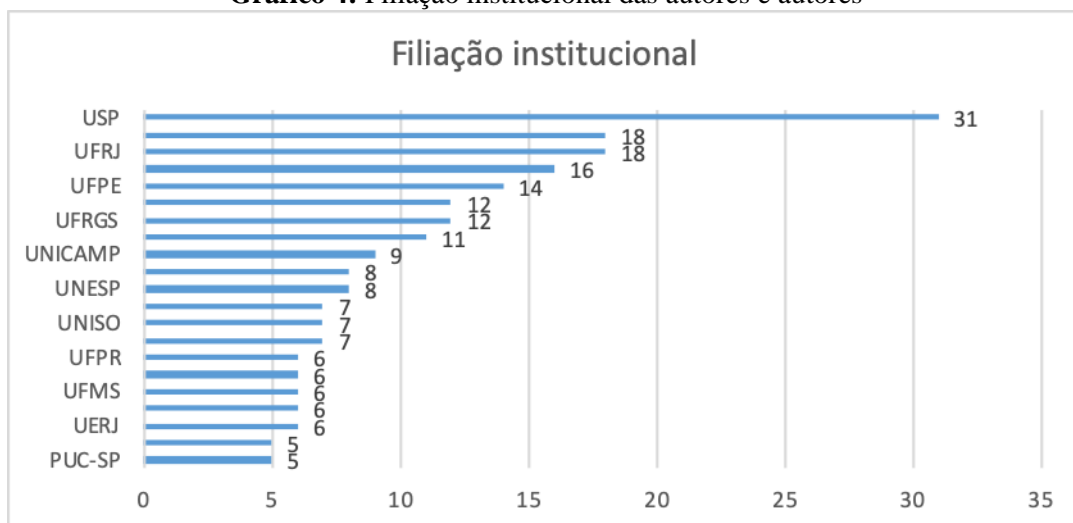
corresponde à 78,5% – 80,0% autora 1, 75,0% autora 2 e 81,2% autora 3. Dessa forma, confirmamos a Hipótese 1 do estudo, complementando com Silva et al. (2018, p. 10), que apontam que “[...] o interesse pelo tema é mais encontrado entre as mulheres, possivelmente devido ao fato de que os debates nas universidades sobre as questões de gênero vêm crescendo com a militância do próprio público feminino [...]”.

Nesse sentido, o que percebemos é que são as mulheres as responsáveis por escrever sobre gênero, sobretudo o feminino, o que pode ser explicado pela aproximação com o tema e a identificação enquanto parte do mesmo espaço – das mulheres (CORUJA, 2018).

Destacamos ainda que a quantidade de homens, sejam autores ou coautores, é maior entre os artigos das revistas do estrato As (28,2%) em relação ao *qualis* Bs (21,5%). Assim, verificamos que a participação masculina é tímida para discutir jornalismo e gênero. Para Diniz e Foltran (2004), a pouca produção sobre gênero por homens pode indicar uma divisão sexual do campo no Brasil, e Escosteguy (2008) também chama a atenção para a necessidade de estudos sobre o universo masculino.

Por fim, o gráfico 4 identifica a filiação institucional das autoras e autores, considerando as universidades que foram citadas mais de cinco vezes, para verificarmos se há concentração de estudos em regiões do país.

Gráfico 4: Filiação institucional das autoras e autores



Fonte: autoras (2019).

Com base nos dados do Gráfico 4, verificamos que as instituições a que a maioria das autoras/es estão filiadas são: USP (31), UFSC (18) e UFRJ (18). Assim, as autoras/es dos trabalhos da área do Jornalismo, publicados nas revistas As e Bs, se concentram nas filiações do eixo sul-sudeste, confirmando a Hipótese 1. De forma semelhante, a pesquisa anterior com o levantamento do perfil das autoras/es de trabalhos da Comunicação também indicou a mesma tendência de pesquisadoras/es vinculadas à universidades do sul e sudeste nas revistas As (SILVA et al., 2018). Diniz e Foltran (2004), ao analisar o perfil de quem publica na Estudos Feministas, também constataram que a maior parte das autoras/es eram do sudeste, seguidas do sul.

Quando olhamos o Nordeste, apenas a UFPE consegue destaque, com 14 autoras/es filiados à essa instituição. Silva et al (2018) e Almeida (2018) apontam uma possível carência de pesquisas nessa região, o que pode ter relação com os poucos programas de Pós-graduação que abrangem os estudos de gênero. Dentre outras instituições com expressiva representatividade nos artigos, temos a UnB (16), UFMS (12) e UFRGS (12).

5. Considerações finais

Assim, para identificarmos o perfil de quem publica sobre gênero na área do Jornalismo, em revistas de *qualis* A1, A2, B1 e B2, analisamos 195 artigos catalogados de 15 revistas do Jornalismo e Comunicação. Com a Análise de Conteúdo, chegamos ao resultado de que as mulheres são a maioria das autoras, sendo que homens pouco publicaram sobre o tema. O que confirma a hipótese desse *paper*, com o perfil representado das autoras/es como: mulheres, doutoras e/ou pós-doutoras, que escrevem sozinhas (sem coautoria), pouco realizam parceria institucional, mesmo entre os trabalhos com 2 autoras/es ou mais, além disso, são filiadas às universidades do sul-sudeste.

Em relação ao grau de escolaridade, quando realizada a comparação, tanto as autoras/es dos trabalhos em periódicos As quanto Bs são majoritariamente doutores e/ou pós-doutores, apesar das revistas com estrato B1 e B2 apresentar maior variação entre graduandos/graduados. Em razão do nível das revistas, esperávamos esse resultado,

conforme já observamos em trabalho anterior, com o perfil de quem publica nas revistas de Comunicação As.

Outro problema envolve a concentração das autoras/es com artigos publicados vinculadas a universidades do sul-sudeste, o que já apontamos em estudo anterior (SILVA et al., 2018). Chamamos atenção para a carência de trabalhos no Nordeste e, principalmente, no Norte do país, o que pode ter relação com os poucos programas de Pós-graduação nessas regiões.

Referências

ALMEIDA, de Cavalcanti Carneio Gabriela. **Mulher na pesquisa em jornalismo teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em jornalismo e comunicação do brasil (1972-2015)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. p. 1-149. 2018

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático I**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 189-217.

Centre for Contemporary Cultural Studies. Women's Studies Group. Women take issue: aspects of women's subordination. London: Routledge, 1978.

CORUJA, P. Comunicação e Feminismo: um panorama a partir da produção de teses e dissertações do campo da Comunicação entre 2010 e 2015. **Ártemis**, Paraíba, v. 25, n. 1; jan-jun. 2018. p. 148-162.

DINIZ, D.; FOLTRAN, P. Gênero e feminismo no Brasil: uma análise da revista estudos feministas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, set.-dez. 2004, p.245-253.

ESCOTEGUY, A. C. D. (org). **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p.14-38.

LAGO, M.; UZIEL, A. P. Intersecções: Psicologia e Estudos de Gênero na Revista Estudos Feministas (2003-2014). **Labrys**, v. 26, jul.-dez. 2014, p. 1-12.

MARTINEZ, M.; LAGO, C.; LAGO, M. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 23, n. 2, mai.- ago. 2016, p. 1-23.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, Jun. 2010, p. 15-23.

SARMENTO, R. Mídia, gênero e política: breve mapeamento de horizonte analíticos. **Ação Midiática**, vol. 2, n. 5, 2013. p. 1-15.

SCOFIELD, T. H. P. Mídia e mulheres: um percurso compartilhado no território dos Estudos Culturais. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, jul. 2008. p. 1-13.

SILVA, G. et al. Gênero como tema de pesquisa: uma análise dos artigos publicados em revistas da Comunicação. In: **XII Simpósio de Comunicação da Região Tocantina – SIMCOM**, 2018.

STUMPF, I. R. C. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996. p. 1-6.